

## A FILOSOFIA E SUA MOTIVAÇÃO \*

O elenco de técnicas preconizadas pela chamada psicologia de aprendizagem é, na maioria das vezes, decorrência de lucubrações de gabinete que não atingem os objetivos perseguidos, seja pela manifesta ilegitimidade de sua concepção, seja pela inaplicabilidade prática ou ainda pela inabilidade didática de seus utilizadores. O certo é que sobeja teoria e faltam resultados concretos.

Parece que a tendência de nosso temperamento latino é para complicar o simples, fazendo-nos perder nas teias de nossa tradicional carência de objetividade e de senso prático. Parece até que o embolado o repolhudo, o incompreensível impressiona mais e induz nos outros a impressão de que sabemos muito e dominamos em profundidade o que ensinamos!...

Se isso talvez não seja palpável nas ciências exatas, ocorre no entanto, nas ciências humanas, onde o absurdo excesso de teorização agravada por uma linguagem não menos obscura e imprópria, constitui, de ordinário, a anti-motivação por excelência que se

faz notória nos resultados negativos provenientes desse reiterado lugar-comum. Isso nos lembra uma queixa mordaz de Rui Barbosa contra o pedantismo intelectual de seu tempo ao qual ataca nestes termos: "Para quem nasceu charadista, o enigma é o seu elemento..."

Percebe-se então que é difícil manifestarmos a pretensão de possuímos fórmulas mágicas destinadas a motivar o aluno em aula de filosofia, sem correremos o risco da inadequação e da ineficácia. A experiência humana e a didática do professor de filosofia é "conditio sine qua non", para levar seus ouvintes, através de caminhos mais curtos e seguros, a uma consciência crítica bem sintonizada com os valores do universo cultural a que pertencem.

Este postulado nos parece de suma importância. No momento que o aluno é despertado para uma vigilância epistemológica em relação aos fatores determinantes ou condicionantes de sua consciência, no momento em que o aluno vai se tornando capaz de avaliar,

\* Este texto foi elaborado pela equipe de professores de Filosofia da FAFI de Araguari, para o IV Encontro de professores de Filosofia do Triângulo Mineiro, acontecido em Uberlândia dia 29/11/86.

como um todo orgânico o mundo dentro do qual ele vive, é a partir daí que ele passa a ocupar crítica e racionalmente seu espaço social (coisa valiosa para sua auto-estima!), é a partir daí que ele começa a questionar os valores que condicionam sua cultura, a encontrar sua própria identidade, sentindo-se como alguém que tem o poder de mudar e transformar o seu meio, para que haja para todos vida em plenitude, livre e responsável.

Ora, quando se desperta o aluno para a retomada de seu espaço, como ser pensante, a começar pelas reflexões simples e objetivas, porém, progressivas, quando se lhe faz ver o que ele é, (educere = tirar de dentro), eis aí a grande motivação, a substancial modificação do comportamento reflexivo, eis aí o FILOSOFAR da forma mais genuína e legítima que pode ser.

Se assim não ocorrer, se o trabalho é desarmado do senso de oportunidade e da explicitação dos pressupostos básicos da filosofia, no cotidiano de nossa vida contemporânea, existirá sempre aquele distanciamento provocado pela impressão de que a filosofia só interessa aos filósofos, cuja reputação entre os jovens não é lá muito lisonjeira, por que além de esquisitões e nada curtidores da vida, vivem de ordinário na pobreza e defendem idéias que ninguém ou poucos entendem!

Cabe-nos a nós, professores desta disciplina, conduzir as aulas,

menos como aulas do que como diálogos, em que cumprirá condicionar os alunos à necessidade de exprimirem seus pontos-de-vista sobre temas experimentalmente vividos, sempre valorizando suas idéias (ainda que parcas), e com habilidade e estímulo, levá-los a conclusões aceitáveis, segundo o seu nível vivencial e intelectual.

Outro tipo de motivação é fazer o aluno ver que a realidade filosófica está onipresente nas novelas, nos filmes, nos romances, nas poesias, nas encenações teatrais, enfim, em todas as manifestações do espírito humano, mesmo as ligadas ao mundo científico e tecnológico, cujas implicações no progresso e na felicidade do homem só podem ser questionadas sob o prisma filosófico.

Necessário é dizer-lhes, outrossim, que sociedade nenhuma pode sobreviver com foros de civilização, sem que tenha a sustentar-lhe os fundamentos de convivência, uma sólida convicção de natureza filosófica, muito acima até das confissões religiosas ou políticas. As grandes questões que no momento se debatem em nossa Pátria, transformando-a num colossal fórum de discussões sobre a constituinte, a Reforma Agrária, os Direitos Humanos, a lei de greve, etc, tem essência profundamente filosófica, porque mexe com os valores em que acreditamos e devemos acreditar mais, sem omissões que possam a curto prazo, ser acoidadas de indesculpável cum-

plicidade, com eventuais instrumentos de opressão e exploração de todos nós.

Outro item que não pode ser esquecido é o que concerne à elaboração dos chamados "programas" ou "planos de curso". É onde nossa incapacidade de simplificar, criticada ainda há pouco, se manifesta de uma forma espantosa e lamentavelmente reiterada, ano após ano. Talvez por medo de discrepar dos "planos" vistosos e detalhistas em demasia que recebemos de nossos antecessores, caímos nos mesmos excessos, nas mesmas impropriedades, nos mesmos lugares-comuns. É preciso que fique estabelecido de uma vez por todas que, quanto mais ambicioso e divorciado da realidade for o nosso propósito programático, menos alunos vamos ter, no balanço final, com nível de aproveitamento verdadeiramente compatibilizado com o ideal e, pior ainda, com invencível ojeriza infelizmente provocada pelo destemperado do professor na dosagem e na escolha da matéria de seu "plano"...

Dentro ainda dessa ordem de idéias, releva considerar que a noção das também chamadas "escolas filosóficas" e seus principais representantes é coisa que deve constar da programação com abso-

luta parcimônia e cuidado, porquanto o fim último do conhecimento da filosofia é obviamente torná-la um instrumento vivo e eficiente de realização do homem diante da realidade, sobretudo dentro da realidade que lhe é próxima, seu meio, sua religião, seu país, nunca com esse tipo de abrangência caótica e generalizada que confunde, enfastia, desanima e afasta...

Percebe-se, pois, que, como enfatizamos nas considerações iniciais, a motivação envolve um universo de valores bastante variados, cuja hierarquização na ordem das prioridades, cumpre ser feita com certos critérios que não comportam uma esquematização prévia, uma vez decorrer, nesse passo, da experiência e da habilidade do docente além, da realidade do momento histórico-social e até do nível de cada turma a seu cargo.

As conceituações gerais e específicas que procuramos enfocar neste texto, nos parecem, salvo melhor apreciação dos colegas deste encontro, o que há de fundamental, no momento e na realidade atuais, para aulas de filosofia, tanto nos cursos superiores como nos de 2º grau.

Araguari, 13 de Setembro de 1.986.